

Luís Athouguia

Vida e Obra do Pintor de Cascais

CASCAIS Para toda a vida

Luís Athouguia

Vida e Obra do Pintor de Cascais

CASCAIS
Para toda a vida

2026

FICHA TÉCNICA

Título: Luís Athouguia – Vida e Obra do Pintor de Cascais
Edição: Câmara Municipal de Cascais
Texto e seleção de imagens: João Aníbal Henriques
Revisão: António de Brito
Design gráfico | Impressão: N-Agensy - Creative Studio, Lda.
ISBN: 978-972-637-358-2
Depósito Legal: 567872/26



ÍNDICE

Abertura – por Nuno Piteira Lopes | Presidente da Câmara Municipal de Cascais 9
Introdução 11
Sangue Suor e Lágrimas de Cascais 15
Caminhos Pressentidos 35
As Borboletas e as Larvas 53
A Minúcia do Apocalipse 61
A Letargia do Movimento Perspicaz 75
Pedaços de Sonho - Jardim para os nossos olhos passearem – por Artur Cruzeiro Seixas 79
Pequeno Ensaio para Luís Athouguia – por Carlos-Antero Ferreira 81
Uma Pintura Rica e Onírica – por Manuel da Silva Ramos 84
Arte como Questão – por Paulo Morais-Alexandre 87
Manifestações Ficcionais – por Américo Carneiro 90
Luís Athouguia, Pintor Modernista – Surrealista – por José Manuel Ferreira Coelho 92
Um Apocalipse Cromático Muito Sensível – por Manuel da Silva Ramos 100
A Secreta Pintura para o Luís Athouguia – por Carlos-Antero Ferreira 103
Uma Vida Interior Rica e Algo Enigmática – por Isabel Braga 107
Apocalipse ou Revelação – por Paulo Machado de Jesus 109
Da Percepção à Forma, Onirismo e Transcendência – por Joan Lluís Montané 111
A Génese de um Mundo a Haver – por Rui Matoso 113
O Fundo do Mar Pertence aos Fundos do Universo – por Fernando Grade 117
Sobre o Pintor Luís Athouguia – por Paulo Machado de Jesus 120
Luís Athouguia, Paisagens de Alma – por Manuel Rodrigues Vaz 122
Pintura Despojada, Sintética e Envolvente – por Álvaro Lobato de Faria 124
Universo Reconfigurado – por José Neto 126
Membrana Circundando o Outro Lado do Segredo – por Eduardo Nascimento 128
O Sonho da Eternidade em Luís Athouguia – por João Aníbal Henriques 130
Reinado das Transmutações - por Jesús Díaz Hernández 132
O Mergulho ao Micromundo – por João Antero Ferreira 134
Peregrinações Vagabundas – por Vicente Borges de Sousa 138
A Busca de um Ser Maior – por José Bívar 140
A Intimidade da Cor – por Zeferino Dias 142
Carnalidade das Formas Distorcidas – por Desidério Murcho 144
O que se Deixa Sugerido Vale Mais – por Fernando Grade 146
Um Caleidoscópio que nos Faz Girar – por Maria Adelaide Marques Teixeira 147
O Tratamento da Cor e das Formas – por Francisco Arroyo Ceballos 149
Narrativa Visionária – por José Inácio Marques Eduardo 150
Paisagens Oníricas – por Manuela Gonzaga 152
Leveza a Roçar o Deslumbramento – por José Eliseu 153
Palco de Alusões – por Pedro Rodrigues 154
Figuração Onírica – por Hugo Guerreiro 156
Substancializar uma Atmosfera de Luz e Cor – por Margarida Ruas Gil Costa 157

ABERTURA

por Nuno Piteira Lopes - Presidente da Câmara Municipal de Cascais

Nascido em Cascais, Luís Athouguia é um dos mais relevantes pintores surrealistas portugueses da atualidade. Um homem da nossa terra, descendente de uma das mais antigas famílias da Vila de Cascais, que ofereceu ao nosso concelho um vastíssimo espólio artístico de valor incalculável.

Com um registo muito próprio, onde as linhas, as formas e as cores, usadas artisticamente nas suas telas, nos remetem para um estado de total liberdade de pensamento, sem amarras, Luís Athouguia consegue, através do seu estilo onírico, transportar-nos para o imaginário de um sonho e de reconstrução.

O seu legado artístico, que tem percorrido centenas de exposições e bienais de arte, a nível nacional e internacional, é também uma inspiração para Cascais.

Que todos consigamos, através da contemplação da sua expressão artística, sentir a liberdade de pensamento e de criatividade para lutarmos pelos nossos sonhos e concretizações. Que sejamos corajosos para nos libertarmos de ideias pré-feitas e audazes para enfrentar o futuro.

O meu agradecimento profundo a Luís Athouguia pelo seu inestimável legado e pela sua forma inquietante de nos desafiar em cada obra.

INTRODUÇÃO

A obra artística de Luís Athouguia, conhecida e reconhecida pela multiplicidade de cores e de formas que se misturam em cenário sempre considerados oníricos e extraordinários, é hoje considerada uma referência ao nível do surrealismo em Portugal.

Mas, de facto, são muitos poucos aqueles que conhecem verdadeiramente o cerne e a natureza do seu trabalho. E, apesar dos muitos testemunhos interpretativos que o pintor de Cascais reuniu ao longo dos seus já muitos anos de vida artística, quase todos convergem numa unanimidade estranha ao assumirem ser difícil, senão impossível, definir com exactidão quem é, de onde vem e para onde vai a mensagem surreal que Athouguia nos deixa nos seus trabalhos.

Dirão alguns que tal se deve à complexidade da sua interpretação da vida e do Universo. Dirão outros que esta impossibilidade resulta da nossa incapacidade de mergulhar no âmago mais profundo da Alma do pintor e, dessa maneira, de nos vermos compelidos a assumir linhas interpretativas e rumos artísticos que nos afastam paulatinamente do cerne da verdade.

Depois de muitos meses de trabalho, que misturam conversas, entrevistas e depoimentos partilhados com muitos daqueles que são seus seguidores indefetíveis e verdadeiros amigos, sempre calibrados por vários anos de convívio, almoços, passeios e tertúlias onde esse carácter idílico nunca deixou de perpassar, o certo é que com toda a sinceridade devemos assumir aqui que realmente não sabemos onde está e qual é a verdade.

Muito provavelmente, porque o próprio Luís Athouguia balança entre o seu ego, a sua obra e si próprio, como Ser Humano pleno e completo que é, o segredo maior está precisamente nessa incapacidade de ser desvendado... será provavelmente impossível lá chegar e o desafio matemático da infinitude, improvável mas necessário, assumir-se-á sempre como o cadinho de emoções que as cores e as formas de Athouguia nos trazem.

Nas próximas páginas, em forma de testemunho assumidamente parcial pela amizade que nos une, a viagem faz-se através dos vários patamares impostos pela obra monumental do pinto de Cascais. Titubeará saltitante ao sabor do momento e do contexto em que foi escrita, vivida e

pensada. E integrará, também de forma muito assumida, os condicionalismos de quem olha para a obra nela antevendo o brilho benfazejo do seu autor, misturando os sons do seu inquietante discurso com o floreado maior da sua Alma.

Passará em revista as várias possibilidades e caminhos que se abrem perante a enormidade do seu pensamento, e expressará sugestões, quase sempre aparentemente inconcretizáveis pela magnitude da descoberta que impõem, na certeza de que serão sempre abertas as conclusões a que se chegar.

Porque a obra de Luís Athouguia, como mostraremos adiante, nunca se encerra em determinado comprometimento ou em promessas vãs que o próprio autor deixa, aqui e ali, nas poucas entrevistas e depoimentos que vai aceitando fazer. Ela vai-se adaptando, num caminho de progressão permanente em que a adaptabilidade se impõe de forma ambígua. Porque ela cresce na interpretação de quem o observa e admira a sua obra, sempre de forma independente do verdadeiro caminho definido pelo pintor quando se encontrava plenamente envolvido no processo de produção. Não há regra, não há certeza, não há mapa algum que nos ofereça qualquer certeza quando navegamos neste mar imenso de emoção.

Será, enfim, uma sempre controversa amostra de centenas de possíveis olhares sobre a mesma realidade, numa espécie de caleidoscópio que multiplica os sinais de luz em cada detalhe, em cada símbolo e em cada personagem.

Dirão alguns que o que aqui se traz não é nada. E provavelmente terão razão. Até porque o nada é essencial para que o tudo se imponha, na vanguarda quase alquímica que Athouguia tem o ensejo em cada um dos seus quadros...

João Aníbal Henriques
Diretor Municipal de Cultura
da Câmara Municipal de Cascais



SANGUE SUOR E LÁGRIMAS DE CASCAIS

As ruas de Cascais guardam segredos que poucos ousam conhecer. Nas pedras das calçadas, calcorreadas durante muitas décadas por gentes diferentes, estão as memórias vividas das muitas vidas que através delas se desenvolveram. E os sonhos, as ambições e os projectos dos cascalenses que por ali viveram, são hoje parte integrante dos ecos que dali emanam condicionando positivamente todos aqueles que por elas continuam a passar.

Na Rua Afonso Sanches, que os cascalenses de sempre continuam a chamar "Rua da Polícia", ouve-se assim o choro de um nascimento especial. No velho casarão onde a família Athouguia passava as suas férias de verão, nasceu em 1953 um menino. E se tal acontecimento aparentemente é irrelevante, até porque a casa é uma das mais antigas de Cascais e assistiu certamente a dezenas de nascimentos dentro das suas vetustas paredes, deixa de o ser quando explicamos que esse menino dedicou genialmente a sua vida a interpretar, com tintas e pincéis, a magia própria de Cascais e a torná-la eterna.

As ruas da sua infância, quando passava as suas férias em Cascais, confundem-se com os intrincados desenhos que compõem os seus quadros. E o cromatismo das suas obras, quase todas assentes numa eclética fusão de formas sensuais, reflectem o brilho fulgente dos raios de sol que cintilam no mar de Cascais.

Dir-se-á que Luís Athouguia, o menino que nasceu na Rua da Polícia, já não é hoje o imberbe rapazola que corria com os seus amigos pelas ruas desta vila extraordinária. Mas, o certo, é que cada uma das experiências que aqui viveu, misturadas de forma latente com os sonhos que por estas bandas ousou concretizar, trazem consigo os laivos luminosos de uma fantasia imensa que a sua imaginação conseguiu concretizar. E, para mais, concentrados geneticamente na sua genialidade, estão os espíritos criados dos seus antepassados cascalenses.

O bisavô, Pintor, 2º Visconde de Athouguia, Rui Jervis de Athouguia Ferreira Pinto basto (1849-1921), neto do fundador da Vista Alegre, partilhou com o seu irmão a sensibilidade especial de artista, recriando nos seus quadros o bucolismo heróico das suas caçadas míticas em Cascais. O Tio Bisavô de Luís Athouguia, o Comandante António Jervis de Athouguia Ferreira Pinto Basto (1862-1956) enveredou igualmente pelos mesmos caminhos, trilhando com os seus pincéis os cantos e recantos da sua vida de aventuras e condenando à eternidade os momentos fugazes que mais o sensibilizavam. As obras de ambos, expostas no Museu dos Conde de Castro Guima-

rães, fazem parte da identidade cultural de Cascais e compõem um registo artístico carregada de impacto que marcou de sobremaneira os seus descendentes. A genética paterna, eivada destas características, culminou assim num fulgor criativo que caracterizará Luís Athouguia ao longo de toda a sua vida.

Mas pelo lado materno, numa espécie de simbiose que quase parece ter sido fadada pelo destino, também a avó materna do pintor se afirma socialmente na sua época pela sua ligação à arte. Maria Estrela da Cunha Cyrillo de Carvalho Pepulim (1884-1959), filha do mítico Mariano Cyrillo de Carvalho (1836-1905), o primeiro escritor português a traduzir a obra épica de Júlio Verne, tem também uma interessante e importante obra académica na área da pintura.

O espírito criativo da família, carregando consigo a genética própria da genialidade, consolidou-se assim a partir da ligação perene que as várias gerações foram estabelecendo com a realidade de Cascais. E, desde os seus mais ancestrais ensejos, quando o velho Visconde se deslumbrava com o esvoaçar atordoante das perdizes que caçava em terras dos Ereiras, os traços, as cores e até as formas que dão corpo à diversidade expressiva que a família utiliza, misturam-se com as várias épocas e tempos pelos quais vão passando.

Na geração anterior à do Luís Athouguia, quando seu pai, o Arquitecto Ruy Jervis de Athouguia Ferreira Pinto Basto (1917-2006), quarto Visconde de Athouguia, iniciou o seu percurso criativo na área da arquitectura e do planeamento, os traços genéticos da família começam a marcar em definitivo o panorama de Cascais. Ruy Jervis de Athouguia, que foi coautor do edifício sede da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, foi também ele o autor de algumas das mais marcantes casas construídas em Cascais ao longo do Século XX. A Casa da família Sande e Castro, no Bairro dos Bem lembrados, ou a casa que projectou para si próprio, na Rua Gabriel de Freitas, são bons exemplos da forma como a criatividade da família Athouguia se foi adaptando ao evoluir dos tempos, assentando no seu passado ancestral a génese da sua alma, mas sendo capaz de se revigorar na expressão maior de um futuro que Cascais ainda viria a conhecer.

É, pois, neste ambiente insubmisso e invariavelmente imiscuído dos valores estéticos e sociais de um Cascais em permanente ebulição, que Luís Athouguia vai crescendo, ao sabor das paredes antigas do Clube da Parada e, em choque constante, pelas paragens menos conservadoras das casas dos amigos que proliferavam pela vila de então. Porque o Cascais de Athouguia é o Cascais real. Aquele onde reis e pescadores se cruzam a cada esquina e que, na lida quotidiana pela vida, se complementam nas suas diferenças. Neste Cascais antigo, todos se conhecem, mas não se dão bem. Pelo contrário. É a terra onde as cenas de pancadaria acontecem amiúde

nas noites quentes do estio e que se repetem anos após ano, como se os ódios viscerais sem nenhuma razão se eternizassem com o calor do verão. Mas este é também o Cascais no qual todos estes grupos tão diferentes e aparentemente tão díspares e apartados nas suas origens, nos seus usos e costumes e nas rotinas de todos os dias, se unem sem hesitar sempre que é preciso imporem-se perante quaisquer forasteiros que venham de outra terra qualquer e queiram impor o que quer que seja a estes que de cá são! Isso não! Nesses momentos mais críticos, quando em causa está a essência de Cascais, reis e pescadores unem-se aferradamente para defender a honra da casa, não perdoando a ninguém qualquer intromissão.

Por isso, durante os seus anos de estudo, Luís Athouguia, que residia nessa altura em Lisboa, não perdia um único dia de férias ou de fim-de-semana sem vir para Cascais. Porque a vila, com os amigos e aquele ambiente irrepetível que só Cascais tem, tocava lá fundo na alma sensível do pintor que haveria-de-ser, marcando-o com o ferro quente da paixão.

É praticamente impossível determinar a origem das cores que se veem e dos sons que se pressentem nas obras de Athouguia. Os estímulos chegam de todos os lados e, pelo meio de telas em branco, dos rabiscos dos seus irmãos e dos cavaletes que se multiplicam por todos o lado, vão nascendo as formas e os traços que hão-de transformar-se paulatinamente num caminho que ele percorrerá sempre em busca de uma qualquer verdade.

O principal adjectivo que transversalmente percorre a vida artística de Luís Athouguia é o extraordinário. Não tanto pela leviandade de avaliações que se cruzam em torno da sua abordagem ao mundo da expressão plástica, até porque nos seus devaneios, as texturas e as colagens foram várias vezes caminhos de fuga que o elevaram na sua capacidade de descobrir o Mundo inteiro em cada obra que o seu génio delineava, mas mais pelo carácter inusitado de cada um dos seus passos. Até porque o Mundo, que o poeta diz que avança ao sabor do sonho de uma criança, ou seja, na fragilidade ingénua das hesitações que caracterizam cada passo, se define muito mais pelos instantes singelos do inesperado, do que pela consistência das formas que vão perdurando. E na obra de Athouguia, em que os personagens surgem amiúde de um risco, uma garatuja ou um borrão que se impõe genialmente ao horizonte branco da tela que ele se prepara para trabalhar, é o carácter extraordinário de cada um desses passos não planeados que vai estabelecer o ritmo de crescimento da obra, numa incerteza permanente que garante que há sempre espaço para uma novidade.

Muitos do que pensaram e escreveram sobre a obra artística de Luís Athouguia encontram no seu pai as pistas que permitem interpretá-lo. Mas, olhando com cuidado para o detalhe cromático e espacial das pinturas de ambos, torna-se muito fácil perceber que se alicerça precisa-

mente nesse embrião extraordinário o cerne ambíguo da ponte que ambos atravessam mas em sentidos contrários. Um, marcha para Sul, perdido numa abstracção que deixa adivinhar a lógica omnipresente do Mundo real. O outro, atravessando apressado o mesmo tabuleiro, viaja para Norte sem se aperceber exactamente desse facto, ressuscitando dessa expressão inconsciente do seu ser mais profundo os matizes surreais de uma imaterialidade que não pode ser conceptualizada.

O pai vive das formas. O filho vive das cores que vão dando corpo às suas paisagens, recriando cenários onde se ouve o silêncio de uma pluralidade de sons.

Não há comparação possível entre a multiplicidade de abordagens que se multiplicam nas casas onde Luís Athouguia viveu. Nem sequer se pode comparar linearmente a evolução da sua própria obra ao longo da linha inexorável do tempo. Porque é precisamente a precariedade do binómio espácio-temporal onde ele se expressa, que nos permite entender o desentendimento dessa linha evolutiva que fica a dever-se muito mais ao trabalho do acaso do que à intencionalidade artística que o pintor nunca desejou conhecer, perceber ou concretizar.

É de vazio esta aventura. Num contexto de disformidade que deriva da própria observação da realidade. Athouguia não sabe de onde nascem (ou sequer porque nascem) as suas formas e as suas personagens. Nem quer saber.

E se a pintura é parte integrante da sua forma de se exprimir e de interpretar o Mundo desde tenra idade, até porque foi assim que cresceu rodeado de artistas e das memórias que eles deixaram provenientes de um passado longínquo, mas sempre presente por força da sua arte, em casa era a música que dominava os seus tempos, marcando com o seu diapasão o dia-a-dia dele e dos seus irmãos. O pai, melómano por natureza, praticamente arrastava os filhos para os concertos dos grandes compositores que se ouviam na Fundação Calouste Gulbenkian, e os sons maravilhosos dessas histórias intemporais ajudaram a formar a harmonia que marcará para sempre o espírito de Luís Athouguia e que se transfigurará nas paletes de cor que vai usar ao longo da vida para construir o legado intemporal que a sua obra congrega.

Na sala da casa materna, em decibéis fortes que toda a vizinhança reconhecia, eram os ensaios dos irmãos que marcavam o ritmo da vida excitante desse tempo. Os mais velhos, membros activos e proeminentes do conjunto “Os Claves” haviam dado nas vistas na velha Lisboa de outros tempos a partir da altura em que ganharam o concurso de talento promovido pelo Teatro Monumental. O seu rock ié-ié, com uma pujança cromática que se juntava à harmonia clássica recebida por via paterna, veio assim alargar o horizonte do jovem Athouguia, que depressa enveredou pelos caminhos paralelos de uma expressão cultural nascente

que chocou Portugal e que veio a dar contributo evidente nas alterações políticas trazidas mais tarde pela revolução.

Foram a sorte e o destino que marcaram esse epíteto extraordinário na vida do pintor. A sorte que nasce do acaso e que se concretiza em cada detalhe e episódio que a vida lhe deu. E o destino que lhe trilhou os primeiros passos, nas calendas de um percurso artístico do qual o ordinário nunca teve lugar.

Frequenta nessa altura a escola do IADE, em Lisboa, espaço de vanguardismo cultural e artístico que se afigurava como alternativa permanente ao Portugal dessa época. Nessa escola, onde se cruzou com professores de excelência como Lima de Freitas, João Vieira, Manuel Lapa, António Quadros, Costa Martins, de entre outros, ficou definida para sempre a vocação artística deste espírito emergente. As artes, sinónimo de liberdade e de espaço de expressão, encheram o ânimo do jovem Athouguia que, daí por diante, jamais pôs em causa a sua capacidade criativa, experimentando e desenvolvendo muitas técnicas que hão-de acabar por consolidar o perfil que hoje lhe conhecemos.

Entre 1972 e 1974, vivendo em pleno os entusiasmos da revolução de Abril, Luís Athouguia embrenhou-se nas teorias e nas práticas das artes em Portugal. E foi no final do seu curso, quando preparava o trabalho que marcaria o final da sua formação, que pela primeira vez tocou profundamente o registo de genialidade que é transversal a todo o seu trabalho desde então.

Com a sensibilidade apurada pelos anos de formação e pelo contexto familiar em que o apelo ao belo era permanente, assumiu funções logo depois de sair do IADE como Decorador de Interiores da Cienta, a primeira empresa de informática existente em Portugal. A função, de remodelação integral da decoração dos escritórios da empresa em Lisboa, fomentou ainda mais os seus critérios estéticos, absorvendo o seu espírito criativo numa área literalmente diferente e consolidando a sua vontade de experimentar novos rumos para dar corpo à sua obra.

Por estranho que pareça, foi precisamente o distúrbio alargado que resultou dos ímpetos revolucionários, que definitivamente lhe trouxeram a possibilidade de alterar as suas capacidades criativas. Com os problemas empresariais que a revolução trouxe, condicionando a iniciativa privada e o espírito empreendedor dos empresários portugueses, a empresa ressentiu-se e Luís Athouguia foi obrigado a procurar outros caminhos para a sua vida profissional. E, havendo pouco por onde escolher, aceitou o desafio de ser operário fabril numa fábrica de móveis de polyester expansíveis.

Abrem-se assim portas para materiais e para técnicas que de outra forma não o poderiam ter tocado. E a ânsia de recolher inspiração, cruzada com o toque de midas que transmuta a

realidade material das coisas efémeras em pequenos refluxos de eternidade, deixa um espaço vazio que o seu génio criador aproveita para interpretar. Quantas vezes, de um traço ocasional que marca a tela branca onde está a trabalhar, nasce um personagem que se tinge ao sabor de um sonho de véspera, de uma paixão momentânea ou de um esgar com o qual se cruzara fortuitamente uns minutos antes? Quantas vezes, quando nas suas telas vão nascendo os pássaros que caracterizam uma fase dos seus trabalhos, não encontramos essa fixação totémica que a simbologia mais profunda interpreta como sinónimo da árvore da vida que Athouguia renega a cada passo?

Porque os símbolos, sempre extraordinários uma vez que inesperadamente nos devolvem à essência mais profunda de cada forma e de cada detalhe da vida concreta onde nos vamos perdendo a cada passo, carregam consigo múltiplos significados. O pintor Luís Athouguia, eternamente insatisfeito com a imensa liberdade que oferece a cada um dos seus símbolos e personagens, digladia-se permanentemente com a opressão ambígua das formas que o vão aprisionando à medida em que nascem sem o seu controle e sem quaisquer ensejos de um planeamento prévio que lhe permitiria controlá-los.... Apressa-se então a dar-lhes cor, acentuando-lhes os contornos num potencial que igualmente os prende. Até porque a infinitude que lhe preenche a alma, reduto sempre insatisfeito com a efemeridade presente nas cores e nos materiais, o obriga a seguir em frente, com novas abordagens, formas renovadas e a esperança permanente em alcançar uma perfeição que no seu íntimo sabe ser inalcançável.

Mas é essa sua criatividade insatisfeita, aliada a um espírito irreverente que nunca o largou, que lhe abriu as portas para que informalmente fosse nessa empresa que o autorizaram a experimentar alguns materiais e tintas aí desenvolvidos, para desenvolver os primeiros ensaios efémeros de esculturas murais.

Entra assim no mundo conceptual dos comuns mortais, polvilhado sempre pelo seu génio com os pós redentores do universo onírico onde foi criado, mas já cumprindo a pragmática função de um registo com carácter pragmático, permitindo ao comum mortal, usando da sua bitola que sintoniza a vida numa frequência muito menos elevada, mergulhar literalmente na sua (ir)realidade.

Vivendo em Cascais durante esses anos mais complicados da revolução em curso, foi no ambiente sempre cosmopolita da vila que conheceu as emoções mais fortes dos muitos problemas que o descontrole da revolução acabou por trazer. A fuga, para alguém como Athouguia que respira liberdade, era caminho impossível de seguir e, dessa maneira, é nesta terra extraordinária que ele procura encontrar soluções de vida que alarguem o seu horizonte e lhe fomentem a criatividade.

Data dessa altura a passagem pelo extraordinário Vale da Ribeira das Vinhas, canal natural que liga a Vila de Cascais à Serra de Sintra, onde encontrou um refúgio idílico onde encontrava as condições para desenvolver a sua sensibilidade artística. O arvoredo, entrecortado pelo azul profundo do céu de Cascais, consubstancializa-se nas telas a que vai dando forma, sempre utilizando como forma e modelo as desformatadas realidades que a natureza potenciava. Os sons, os aromas e as cores deste espaço, pervertidos possivelmente pela disfuncionalidade de um artista que ainda estava a despontar, mostrando-se incompleto e imperfeito, foram fonte natural de inspiração e conselho e perdem-se ainda hoje nos matizes dissonantes da sua obra, como ensejos ancestrais daquilo que de mais forte Athouguia ainda deseja.

Em contraste profundo com a realidade bucólica que o vale encantado de Cascais lhe oferece, Luís Athouguia fez-se literalmente à vida. E em 1976, no rescaldo do desfadado ensejo da revolução, encontra na docência o seu modo de vida. Inscrito como professor, é colocado a dar aulas de Educação Visual na Escola de Sesimbra onde o seu espírito livre se desdobra em expressões de criatividade no seio de uma comunidade de alunos que nele veem um símbolo maior daquele que os motiva e bafeja. São tempos de significância profunda, sustentados por um amor às artes que corporizam o apego às cores e à irreverência dos materiais.

É neste registo que chega ao Gabinete Gráfico da Editora Portugália. O espaço onde a produção de livros se cruza com um apelo fulgente à criatividade, recriando em Luís Athouguia os laços que definem a rentabilidade da arte. De facto, se até este momento a expressão artística representava um mero instrumento de concretização dos ideais de liberdade, reformatando a realidade ao sabor dos devaneios próprios do sonho e de um irrealismo orientado para o ego e para o usufruto da própria personalidade, a Editora Portugália assenta a sua estratégia comercial na promoção da inovação artística de forma a fomentar as vendas e a facilitar a chegada ao mercado dos seus livros e autores. Luís Athouguia encontra-se agora no meio da algumas das mais emblemáticas obras literárias da sua época, calcorreando as páginas escritas por Maria Montessori, Benjamim Spock, Irving Wallace, Pierre Daco e Sophia de Mello Breyner Andresen para as reinterpretar artisticamente preparando as capas dos seus livros e reforçando os seus atractivos comerciais.

Nesta experiência, impactante em termos artísticos mas também em termos humanos, o pintor regressou às técnicas artísticas mais alternativas e com maior impacto gráfico, acrescentando valor ao imenso valor literários dos autores com quem trabalhou. E com alguns, como por exemplo Isabel da Nóbrega, Mário Braga ou mesmo Sophia de Mello Breyner, teve mesmo a oportunidade de os conhecer pessoalmente, facto em registos variados contribui para o seu crescimento pessoal, com implicações evidentes na sua expressão artística e com um redobrado apelo à sua criatividade.

O compositor Nuno Nazareth Fernandes, com quem se cruzou neste mesmo espaço, foi também ele figura de grande importância na definição artística do jovem pintor. Exímio fotógrafo e eminente criativo, Nazareth Fernandes foi determinante na consolidação da capacidade inventiva de Athouguia, acrescentando perspectivas renovadas que tiveram impacto em toda a obra do pintor. A noção de realidade, que Luís Athouguia acabou por concretizar em projectos gráficos associados a várias obras literárias, recupera assim de valores estéticos sustentados por bases filosóficas que condensam a aritmética da vida numa geometria de cunho quase sagrado que passará a fazer parte da estrutura de pensamento vital do pintor. Surgem assim novas formas e volumetrias que carecem de um esforço interpretativo singular, uma vez que a sua já de si muito complexa significância, ganha agora a duplicidade de poderem ser vistas no plano da matéria ou no plano da mais elevada espiritualidade. Este é o período de ascenção do artista que, para além da expressividade inata que o acompanha desde tenra idade, junta agora à sua obra a pujança da sua capacidade interpretativa. O que até aí era a expressão natural e quase imediatista da realidade, transforma-se progressivamente numa espécie de segredo criptográfico cuja simbologia exige (mais do que permite) uma interpretação sempre relevante. A obra, a partir deste momento, multiplica igualmente o seu âmbito, uma vez que conjuga a sensibilidade própria do autor-artista à abordagem efectuada por quem dela usufrui, numa simbiose de sentidos que lhe aprofunda o âmago.

As novas ferramentas artísticas que adquire fomentam as suas potencialidades criativas e, desta forma, Luís Athouguia ganha o ensejo de regressar ao pragmatismo da vida real, sempre com o cunho colocado na criatividade. Entre 1982 e 1999 a sua vida profissional cruza-se com os gabinetes de arquitectura e com as equipas de desenho que através deles compõem as formas intervindo na vida quotidiana das pessoas reais. No gabinete do seu pai, o conceituado Arquitecto Rui Jervis d'Athouguia, integra a equipa de design de interiores, chegando a coordenador de projectos, forma lógica que lhe permite reformatar as ideias e impor ao seu pensamento artístico as balizas impostas pelos orçamentos, pelos contextos e pelos materiais.

Neste autêntico banho de realidade, Athouguia recupera os valores estéticos que haviam sido essenciais durante o muito trabalho gráfico desenvolvido na editora, facto que lhe assegura a plenitude no uso material das formas e das ideias que permanentemente lhe afluíam à alma. Regressa a geometria, os contornos evidentes e o apelo à definição, num despojamento de significância que ajudam a fomentar a ideia de liberdade. As suas obras ganham fluidez, equilíbrio e, por extensão, um movimento natural que resulta da imperatividade das linhas geométricas agora mais padronizadas. É esta consistência, que estabelece a cor como ponte que o liga ao

esplendor imaginativo da sua origem libertária, que define a história de cada quadro. Nascendo da mesma forma, ou seja, num total e caótico vazio que cria espaço em aberto para que surjam e se afirmem as estruturas que se formam por si própria a cada pincelada, as obras fluem agora com uma nova espécie de ordem imposta pela realidade. Já há um princípio, um meio e um fim em cada história, apesar de se manter em aberto o registo interpretativo que cada um lhes dá.

Afinal, nesta aproximação permanente aos arquétipos essenciais da humanidade, Athouguia lança através da sua obra um conjunto de sugestões oníricas que se enlevam naquilo que é a sua sensibilidade mas que, em última instância, traduzem de forma sublime os mesmos ensejos que caracterizam a vida daqueles que as observam e interpretam. Há uma universabilidade na obra de Luís Athouguia, porque o apelo ao sonho é, de acordo com a perspectiva de cada um, exactamente o mesmo em toda a humanidade. Viajamos no espaço e no tempo, todos em busca do mesmo prazer, da mesma satisfação e da mesma felicidade.

Neste momento, ciente das várias camadas que sucessivamente se sobrepõem a partir da expressão artística essencial, Athouguia alcança uma nova amplitude na sua capacidade de observação e interpretação da arte. Em casa da mãe, casa em segunda núpcias com um dos mais importantes galeristas nacionais, multiplicam-se as oportunidades de aceder directamente às mais expressivas e impressionantes obras de arte. Manuel Cargaleiro, Carlos Calvet, António Areal, Mário Cesariny, Mimi Fogt, Romy Castro e Cruzeiro Seixas são apenas alguns dos nomes de relevo com os quais Athouguia teve a oportunidade de conversar e de disfrutar. Durante os anos seguintes, abre-se à sua frente um novo horizonte muito mais amplo que lhe catapulta a criatividade para novos patamares. É a época de afirmação das cores mais profundas e dos exercícios mais concretos de criação de novas personagens que surgem agora com identidade própria assumindo papéis de redobrada relevância nos cenários compostos nas telas do pintor.

Artur do Cruzeiro Seixas foi aqui figura essencial. Não só pelo impacto que teve na obra de Luís Athouguia mas, sobretudo, pela forma como actuou como promotor da própria obra do artista. Na primeira grande exposição individual de Luía Athouguia na Galeria São Mamede, em 1995, foi ele quem escreveu um brilhante texto de apresentação que consagrou a obra artística e a multiplicou junto dos grandes operadores de arte a nível mundial onde diz que "a pintura do Luís é encontro e desencontro, é uma certa dose de solidão, é um eco, uma ténue ponte, a luz da madrugada, o discreto marulhar da água na secura da paisagem, a fronteira entre o ontem e o hoje, um projecto de viagem. A verdade é que já não há coluna gótica que não tenha a sua motorizada, como se fossem irmãos de sangue, ou mesmo amantes. E reconhecido está, que os nossos pés são sempre terra estrangeira".

É, aliás, Cruzeiro Seixas, quem primeiro interpreta a "obscuridade luminosa" da obra de Luís Athouguia, desconcertando detalhes que abrem "a janela da sua alma" numa apoteose reveladora que transforma o pintor extraordinário num conceituado artista renomado. O caminho encetado assim pelo Mestre, rapidamente dá frutos e se multiplica, gerando um registo de credibilidade e de aceitação que permitirá a Athouguia encetar um vastíssimo programa de exposições, muitas de carácter colectivo mas, também, dezenas de exposições individuais, que levarão longe os ecos da sua obra e que elevarão de forma substancial os segredos da sua obra a públicos que de outra forma não teriam a oportunidade de a conhecer e interpretar.

Se, por um lado, é esta multiplicação quase exponencial do seu público que lhe vai granjear o reconhecimento no circuito artístico nacional e internacional, por outro, é exactamente o mesmo movimento que sublinhará os subversivos detalhes de cada um dos seus quadros, numa inglória e permanente tentativa de os perceber e cenceptualizar.

São muitas dezenas os textos, os artigos de opinião, as recensões críticas que desde esse longínquo ano de 1995 se escreveram sobre a obra de Luís Athouguia. Mas, por estranho que possa parecer, a excelência das abordagens, sempre imiscuídas da convicção de que se aproximam do verdadeiro sentido de cada quadro, de cada figura e de cada personagem que o pintor coloca nas suas telas, são profundamente contraditórias entre si, gerando uma multiplicidade de opiniões e abordagens que não só não desvendam nada da mensagem original que o artista esconde nos seus quadros, como ainda agravam de sobremaneira o mistério que se associa a cada um deles. É este mistério, consignado em cada detalhe de cada um dos quadros que compõem a obra do pintor, que determina ao mesmo tempo a capacidade abrangente de Athouguia integrar na sua produção artística uma multiplicidade de significações que reproduzem muito mais a noção da vida de quem usufrui das obras, do que propriamente do espírito crítico motivado pelo próprio pintor.

Entre 1983 e 1993, Luís Athouguia participou em dezenas de exposições colectivas em várias galerias espalhadas por Portugal. Ali, fruto da obra que vai produzindo num pequeno atelier que montou no Bairro Alto, em Lisboa, explora os segredos da fotografia, das colagens e da pintura, recuperando valores estéticos nascido durante a sua passagem pela Editora Portugália mas, também, os laivos redundantes que adq2uiriu durante as muitas viagens que fez através do Mundo e das sensações fruídas durante as visitas efectuadas a grande parte dos melhores e mais impactantes museus e galerias de arte do Mundo de então. As motivações, tal como na sua personalidade artística, são díspares e chegam de forma inquietante de todo o lado... Athouguia, com o seu espírito aberto, emerge avidamente de uma vontade permanente de mudar, numa busca incessante por perceber o sentido do real e por conhecer as fronteiras do imaginário. Logo no início da década de 1980 viveu na Alemanha, e até ao ano 2000 calcorreou fronteiras insuspeitas passando pelos Estados Unidos da América e pela Rússia, locais onde literalmente bebeu a essência maior das formas e das cores que haveriam de contribuir de maneira muito impactante para a evolução da sua própria carreia em Portugal.

Neste período de deambulações permanentes, a inconsistência dos trajectos traduz-se num reforço da noção efémera do destino. E nos seus quadros, a antiga linha orientadora que plasmava o dealbar das suas primeiras experiências com a arte, transmuta-se numa visão plural e por vezes contraditória que plasma o papel que o acaso (se ele realmente existisse) acabou por ter nas decisões que foi tomando e nos caminhos estranhos que foi trilhando ao sabor da paixão imensa e de uma insaciável vontade de se compreender a si próprio neste caminho. Dizem alguns dos seus críticos que é precisamente aí que reside o vácuo que a pujança surreal das suas obras recria. E que a sensação de vertigem provocada por esse abismo é ela própria dissuasora de outras disfuncionalidades...

Em 1993, numa passagem marcante por Espanha, lança-se pela primeira vez com uma grande exposição individual do seu trabalho. Na cidade de Valladolid, na Galeria Velasquez, as figuras oníricas do pintor cascalense ganham uma nova racionalidade, espalhando as suas sempre múltiplas mensagens a públicos estranhos e ávidos daquela sempre quimérica predestinação para o simbolismo. Na surrealidade das suas obras, Luís Athouguia abre sempre portas renovadas ao destino, seja ele o seu próprio, na permanente inquietação nómada da inspiração que o acompanha, ou sobretudo os diversos destinos de cada um dos admiradores que tem a sorte de poder contemplar a sua arte. E nesse ano, em que viaja com o seu trabalho entre Valladolid e a Ilha de São Miguel, nos Açores, aprofundam-se os contrastes entre as cores dos seus trabalhos, gerando recantos mágicos em que se antevêm os pássaros que sobrevoam, quase sempre pairando languidamente, sobre cada um dos seus quadros.

Não satisfeito com o alcance que o seu trabalho finalmente alcançava, bem visível através das palavras que sobre ele e sobre a sua obra escrevem os críticos por esse país fora, é ainda em 1993 que funda um inovador grupo de artistas de várias nacionalidades residentes em Portugal que, sob a designação de "Nómadas", percorre o País com abordagens estéticas sempre controversas e muitas vezes antagónicas, num exercício de anti-narcisismo que não deixará indiferente a comunidade. Com a marca incoerente da diferença, este grupo reúne pintura, escultura, cerâmica, vidro, joalharia e tapeçaria, numa amálgama marcada pela profusão de formas e de cores que acabará por contribuir de forma decisiva para a evolução gráfica da sua própria obra.



Na mudança do século, quando o Mundo cavalga de forma célere os avanços marcantes na tecnologia, Luís Athouguia tem já um currículo artístico inquestionável, consolidado com o Prémio Vespeira de Desenho, com o qual foi distinguido na Bienal Internacional do Montijo, em 1997, e um percurso que o havia levado a grande parte das mais importante e relevantes galerias e museus de Portugal, Espanha e França. A sua obra, neste Mundo em mudança, é cada vez mais a referência para as abordagens plenas de inconsistência que havia caracterizado dos surrealistas de outros tempos. É ela que estabelece caminhos em direcção ao insuspeitado, permitindo-se transmutar alquimicamente a realidade como se ela fosse coisa sua em cada momento. Como diz Manuel da Silva Ramos em 2011, "Todos os quadros onde reina o formidável pastel de Luís Athouguia, são janelas abertas para a emoção. São janelas que nos fazem ver vidas guilhotinadas mas que gozam de uma faculdade de locomoção desmesurada. São janelas essenciais que deixando para trás o quotidiano mais prático, se abrem a velozes mares de pensamento. São janelas incessantes que dão para montanhas movediças de sonhos".

Com a morte de muitos dos principais nomes da arte portuguesa, Athouguia assume-se cada vez mais como o arauto da ousadia, reforçando a sua abordagem alternativa em relação ao real, e desconstruindo os estereótipos que espartilhavam a liberdade que ele sempre sentira. A dissonância perante o real, misturando emoções puras com o pendor forte da matéria inquestionável, fomenta o surgimento dos cenários magníficos onde, como explicam as leis da física real, as cores são muito mais o reflexo daquilo que vemos do que a realidade da matéria onde ela está efectivamente reflectida.

Em 1998 tudo muda na vida e da obra de Luís Athouguia. Segundo o próprio, quis o destino que cruzasse os seus passos com aqueles da sua musa inspiradora. E a partir desse momento, o pintor que se refugiava em universos inventados, pintados com as cores próprias de quem procura incessantemente uma meta inalcançável, vê aberta uma porta do seu destino. Os horizontes que marcavam a sua capacidade de olhar para a realidade alargam-se de uma forma imensa, e a matiz celestial da sua alma ganha um fulgor e um brilho que até aí nunca tinha sentido.

Nos céus obscuros da sua imaginação esvoaçam agora pássaros sem asas. E os seus bicos, normalmente impondo uma disciplina que aprendeu a compreender quando a sua musa o recebeu no seu doce regaço, fazem-no regredir ao deslumbramento dos novos espaços e dos novos lugares que com ela teve a sorte de se digladiar.

A partir deste momento as obras de Athouguia ganham brilho, alegria e novas cores. Os sonhos que estão plasmados na irrealidade cósmica dos seus quadros, aquecem-se através de tonas envolventes e de matizes cromáticas onde impera o equilíbrio. E mesmo a loucura esquizo-

frénica que transversalmente se anuncia em cada detalhe, ganha agora a consistência própria de uma nova vida. A sua obra, como refere Rui Matoso, perdeu uma parte da visceralidade dos primeiros tempos. Não só porque se redefiniu a partir das personagens que originalmente eram meros esboços fluídos que se intuíam, e que agora se concretizam no esplendor próprio de quem conta uma história estranha, mas também porque reformatou definitivamente o espaço de liberdade onde se movem as suas entranhas. E se o amor é em si próprio uma amarra que prende quem dele tem a sorte de beber, é igualmente certo que vivido em conjunto e de forma plena, ele multiplica caminhos e espicaça o espírito para a aventura de desbravar novos caminhos.

Não é rara a surpresa de vermos uma maçã nos seus quadros. E menos ainda de vermos uma fila de maçãs que partilha o espaço com um conjunto de objectos voadores não identificados... Mas será que é mesmo esse o caminho que nos permite interpretá-lo? Será que é essa a significância profunda que nesse seu registo de liberdade lhe permite conjugar simbologia profunda com o pragmatismo de um quotidiano carregado do seu surrealismo imaginário?



Num segundo olhar, quando a sua obra recupera outras formas e cores diferenciadas, fogem dos seus cenários as figuras mais ancestrais. E se os objectos voadores se reassumem como chapéus, as rocambolescas figuras que cruzam o espaço transformam-se em escadas, elevando-nos no patamar de espectadores que usufruem de forma dantesca de um universo marcado pela liberdade. Porque não existe marasmo na obra de Luís Athouguia. Porque em cada uma das suas pinceladas se libertam sementes que vão florescer iniquamente tolhidas pelas cores que as constrangem. E quando se afirmam na paisagem, naturalmente sem perceberem exactamente a razão de ser que explica o facto de ali estarem, vão adquiriando novas identidades, escondidas sempre pelo artista no recato secreto dos seus múltiplos significados.

Esta noção de liberdade reforçou-se na obra do artista. Fez-se nova através da multiplicação quase exponencial de destinos que surgem associados a cada quadro, a cada olhar, a cada cor, a cada forma... enfim, a cada personagem que enche aquele universo onírico. A simbologia organiza-se agora em rede, multiplicando os sentidos pelo carácter aparentemente ilógico de cada uma das partes que os constrangem. Os símbolos que identificamos em cada quadro, e que até aí surgiam livremente ao sabor de cada pincelada ou de cada acidente do relevo dos materiais usados para o fazer, vão-se restringindo à tónica maior de um sonho descomplicado, no qual a complexidade se constrói naturalmente a partir do requebro de um olhar ou de um bocejo insatisfeito de quem os está a ver. Agora já há um propósito para cada um deles e, embora o artista naturalmente renegue esse seu caminho de sempre, na ilusão que ele próprio vive de que pode preservar a liberdade que pretensamente julgou ter, passa a haver uma lógica nesta consistência, possibilitando a interpretação do que se intui na sua obra, como se estivéssemos a desvendar um dos seus segredos.

No seu atelier da Parede, onde se pressente o cintilante rodopio das águas do mar por entre as inesperadas paredes brancas, o fervor dedicado à sua pintura reforça-se paulatinamente e a obra, cada vez mais consistente, vai ganhando uma evidente independência perante a irreverência contida do pintor cascalense.

Luís Athouguia pinta céus e infernos num mesmo quadro. Conjuga por oposição os verbos que se anulam mutuamente. E constrói a genialidade de ser capaz de viver cada pincelada com a entusiasmada certeza de não estar em caminho algum que seja já do seu conhecimento. O pintor convida-nos a sonhar. Fá-lo com a simplicidade de um acento que a pujança das suas obras não permite sonegar. Mas incita a que sonhemos o sonho dele, abstraindo-nos de explicações de significado ambíguas que dificilmente podem corresponder à realidade.

Dizíamos há já algum tempo que as obras de Luís Athouguia, serpenteando de forma imprecisa através dos trilhos que cruzam e recruzam o Mundo não podem ser descodificadas. Mantêm-se presas àqueles laivos mais pressentidos do que sentidos que formam o cenário dos sonhos. Ali, numa matéria de tal maneira ancestral que deixa transparecer os aromas sublimes dos tempos em que nasceram os nossos primeiros avós, perdemo-nos sempre, deleitando-nos com o prazer sem igual de percebermos que só dessa maneira podemos reencontrar o rumo certo.

Não nos enganámos.





CAMINHOS PRESSENTIDOS

Uma das principais características da obra de Luís Athouguia é um imenso vazio. Um vazio absurdamente cheio de emoções, angústias, plenitude e sonhos nunca ousados. Um vazio de tal forma amplo que se enche quotidianamente com a totalidade que se impõe a cada um daqueles que tem a sorte de fruir em determinado momento de um vislumbre onírico da sua obra...

Com um sorriso travesso na cara, próprio de quem sabe muito mais do que aquilo que ousa dizer, Athouguia afirma-se renegando o seu trabalho. Com um copo de bom vinho da mão, degustando aromas subtis que esse vinho traz directamente do Sol, da Água e do Fogo que a natureza congrega na uva e que Baco transforma naquele que muitos consideram o néctar dos deuses, Luís Athouguia deambula sistematicamente pelas formas extraordinárias que as suas mãos deixam escapar, quase como se fugissem permanentemente do dono, ganhando vida própria e significados que nem ele ousaria oferecer-lhes. Ele é o seu dono, o criador maior dessa abrangência de formas e cores que se misturam em cenários estranhos e sempre controversos. Mas manda pouco nelas. Porque assim que lhe saem das mãos, em cada pincelada abruptamente colocada sobre a tela, as formas e as cores adaptam-se camaleonicamente ao olhar e ao pensamento daqueles que se deleitam a interpretá-las.

E por isso se ri o pintor. Degustando cada palavra, da decisão e cada caminho que a sua obra vai trilhando na incerteza genuína de quem generosamente liberta a sua obra para que ela possa avançar de forma tremenda através de caminhos que ele próprio não demarcou previamente.

Como um carro que segue viagem sem destino definido, circulando a alta velocidade pelas vias rápidas de um destino que não conhece, os quadros de Luís Athouguia deambulam de parede em parede carregando consigo as almas sensíveis que quem os vê. E não é fácil olhar para a imensa produção artística deste imenso artista. Porque a multiplicidade de hesitações, condicionadas dramaticamente por aquilo que intuímos que as olhamos mais demoradamente, esbarram sempre com a subtileza do seu sorriso maroto, na simplicidade de quem verdadeira se deleita pelo esforço que todos fazem por o compreender.

A magia de Luís Athouguia está precisamente aí. Nesse destino que ele cria, que é seu mas que ele próprio não percebe. Porque não é possível, a alguém que utiliza os sentidos humanos sempre condicionados pela pequenez da biologia humana, poder abarcar a enormidade quase extenuante de um infinito que é sempre maior do que tudo aquilo que a imaginação nos pode

oferecer. Athouguia segue assim de quadro em quadro, de sonho em sonho, de realidade em irrealidade como segue o dito carro que abandona de repente e sem motivo aparente a autoestrada para enveredar por um sinuoso caminho de terra batida e rodeado de sebes que nada deixam ver.

No céu, normalmente pintado de negro de forma a reforçar a visibilidade das naves espaciais que por ali passam, cruzam-se aves e chapéus, bicos e corações, como se o próprio Universo se alimentasse completamente desta desordem imensa. Porque é nesse céu onde nada é aquilo que nos parece, que cabem os pequenos recantos inesperadamente encontrados somente depois



de muitas viagens que por ali fazemos. E de repente, passado tanto tempo e de tantas vezes que para eles olhamos com o deleite de quem sabe que está a ver a expressão maior do carácter extraordinário que arte carrega nos sentidos de quem a consome com avidez, ali estão elas, as bolsas cheias de detalhes vividos que se escondem dos mais incautos observadores através de artes mágicas que só o artista nos pode esclarecer.



O segredo maior da obra (e da própria vida) de Luís Athouguia é precisamente esse: o de que não há nenhum segredo! A fatídica sentença que nos eleva a Alma para os pináculos da imaginação e, de repente, nos tolda a visão com uma queda abissal desde o torreão altivo até ao chão, tal como se fossemos uma meia perdida algures no meio de um vendaval de que ninguém estava à espera.

E perguntamo-nos quando olhamos para esse meia esvoaçando ao vento porque motivo está ela ali. O que explica que esteja sozinha quando sabemos que quase todos os seres humanos têm dois pés. Como compreender este fenómeno de liberdade se uma meia, mesmo que seja rainha, nada mais é do que uma vulgar peça de vestuário?... A resposta fica perdida na multiplicidade de respostas que nos enche o coração de explicações. E que, como é evidente, nada mais são do que interpretações pessoais da causalidade provocada pela intempérie que está ali a ocorrer...

Mas afinal não é essa a magia maior da expressão artística? Seja na pintura, numa escultura feita de mármore completamente branco que de repente se suja com um detrito encontrado dentro da pedra, ou num qualquer detalhe arquitectónico que oferecer charme a uma construção até aí banal e sem qualquer espécie de atractivo que vale a pena reter? Não será esse, afinal, o deslumbre maior do nosso deslumbramento, porta escancarada para a única forma de liberdade que realmente temos e que podemos aspirar alcançar?

Nestes caminhos de futuro, existem incógnitas que importa perceber e contextualizar. A primeira tem a ver com a própria obra de Luís Athouguia. Prende-se com a natureza da sua produção, com a evolução da sua técnica e com o carácter plurifacetado da sua abordagem artística à realidade. A segunda tem a ver com o alcance destas novas formas de expressão e, sobretudo, com a ligeireza que determina a mensagem do pintor no contexto mais universal de uma obra que contorna sempre as vicissitudes da finitude material para abarcar projectos de pontes mais ou menos inconsubstanciais em direcção à eternidade.

Se no que diz respeito à primeira questão a resposta é naturalmente linear, porque Luís Athouguia desde há muito que cruza expressão da sua criação com as experiências associadas a diferentes tipos de materiais e técnicas, promovendo o desenvolvimento da sua personalidade artística e ajudando a definir os diversos momentos desse mesmo caminho evolutivo, a resposta à segunda questão é bastante mais complexa e exige uma reflexão profunda acerca do valor, do conceito e da mensagem que se associa a cada obra concretizada. Esse caminho, adverso à rotina e ao esforço de repetição sucessiva de actos que vão perdendo significância à medida em que se multiplicam as suas aplicações, faz-se já actualmente da utilização das novas tecnologias e, sobretudo, do inóspito mundo da digitalização.

A manipulação das formas e das cores, exponencialmente despidas da componente física que sempre acompanhou a arte portuguesa, faz-se agora multiplicando experiências que derivam exclusivamente da sensibilidade do artista. Por ser um caminho moroso e longo, com partidas que não culminam em chegadas e por estratégicas e inesperadas alterações que se concretizam no plano estrutural de cada obra assim tratada, é natural que estes laivos a caminho da digitalização da expressão artística de Luís Athouguia se façam em forma de experimentação, cautelosamente trilhando a estrada em direcção a novas chegadas...



A aplicabilidades desta nova realidade é substancialmente superior àquela definida pelas técnicas mais tradicionais e, afastando-se das fronteiras impostas pela física e sem os constrangimentos que derivam sempre da utilização real dos materiais, é certo que se amplificam as superfícies onde se aplicam estes novos contornos digitais. Trilhados lentamente através da utilização sucessiva de novas abordagens tecnológicas à arte, mas sempre com a determinação férrea de quem sabe que a sua obra se compõem de realidades oníricas que, por de sonhos tratarem, estão naturalmente libertas da necessidade de uma concretização física que impõe fronteiras muito mais concretas do que este pleno assumir da efemeridade digital, os caminhos de futuro sonhados por Athouguia enchem novos tipos de espaços, projectando-se de forma quase infinita numa multiplicidade de cenários. O acesso ao movimento, que digitalmente se torna acessível ao artista, constrange positivamente este trabalho que ganha assim a expressividade de um trabalho que define novas fronteiras, alargando de sobremaneira o espaço que define o próprio conceito da arte. Se pensarmos que para além do movimento no espaço e da sempre enganosa capacidade de inverter e reinverter cada uma das formas inventadas, este novo caminho digital permite a Luís Athouguia aprofundar de forma muito evidente os canais de expressão da sua liberdade, depressa percebemos que é de multiplicação que tratamos, expressa em novos laivos de vida que reinventam as formas antigas que tanto marcaram outros caminhos deste percurso imaginário.

Personagens mitológicas que não existem, e que são definidas, como vimos atrás, pelas lentes que caracterizam o olhar de cada um daqueles que frui da expressão do artista na plasticidade dos seus quadros, ganham novos contornos até agora impensáveis. Imaginemos, por exemplo, o Rei das Meais flamejando num cenário onde se conjugam as referências maiores das formas que deram corpos a outros quadros... E se lhe juntarmos o som, num esforço sempre determinado pela sensibilidade do criador artístico sobre a criação que é ele quem decide como se há-de concretizar, surge um universo totalmente novo que reinventa de forma alargada o já de si infinito conjunto de significado que surge naturalmente de cada vez que o público olha interessadamente para um dos seus quadros.

Diz Luís Athouguia, quando se debruça convicto sobre a natural evolução da sua arte, que o mundo digital será porventura "o último canto do pássaro num registo magistral sobre um período longo mas finito de uma vida dedicada à Arte que parece estar em turbulência crescente..." Mas engana-se quando assim pensa. Porque estas novas fronteiras, que pressupõem a ressurreição de personagens criados no cadinho mais profundo da sua alma, são vidas totalmente novas que acrescentam eternidade ao percurso já concluído com êxito. E nestas novas plataformas, o já de si rebuscado enleio de perceber que cada abordagem definia um sentido diverso a

cada pincelada que as suas formas e cores despertam junto de quem as observa, aumenta de forma muito evidente o espectro e o alcance do seu trabalho complicando ainda mais esse já emaranhado universo interpretativo que a sua obra congrega.

É notória ao longo dos muitos anos de percurso que Luís Athouguia já fez, a presença já longa e eficaz daquela que ele própria chama a sua "musa inspiradora" que o acompanha, sempre sem intervenção directa nos movimentos ambíguos da sua liberdade interna, desde há tanto anos. Mas mais notória ainda, quando com ela nos cruzamos, é a convicção profunda que ela confirma desta plenitude magnífica que o espaço imaginado por Luís Athouguia contém. Sendo assim, tomando como boa a interpretação de que não há interpretação possível destas viagens que a sua obra advoga simultaneamente em direcção ao passado mais ancestral, ao presente mais imediato e também a um futuro que é sempre naturalmente inconcreto, certos podemos ficar de que os novos caminhos são eles caracterizados igualmente pela liberdade que presidiu à construção das formas que foram nascendo do seu laivo criador ao longo dos anos.

A importância deste pressuposto, assumindo como ideal um mundo incaracterístico onde o caos é condição essencial para a formação de uma nova ordem, é bem visível nas escolhas de Luís Athouguia em relação à sua obra. Naquela que ele identifica em primeiro lugar, um estudo sem título onde se multiplicam os esgares humanos, as personagens míticas multiplicam a sua presença em torno desse enlevo ancestral pela dignidade humana. Os balões que se enchem com o sopro da vida, mitigados amiúde pela presença inqualificável dos seres que se resguardam no colorido para preservarem a sua discrição, não permitem conjugar-se sem uma interpretação simbolizada da Besta, que ali surge como orientadora do Mundo e do Universo, sem parecer minimamente afectado pela caótica desarmonia que conduz o espaço. E a pergunta que fica no ar é quem depende de quem? Será que é a Besta que define o espaço onde a humanidade sobrevive? Ou será que é a humanidade, enchendo com a vida os interstícios que estão livres nesse amalgamar caótico de formas e cores, que define e determina o destino dessa mesma Besta? Ou, em última instância, será que são ambos parte integrante do mesmo todo?



Uma coisa é certa: tal como na vida, também aqui, neste universo imaginário em que Athouguia reinventa os pressupostos básicos da existência humana, os ímpetos mais fortes resultam dos sentidos. São eles quem define a presença forte das cores e das formas, corporizando as múltiplas interpretações possíveis das histórias que se cruzam neste cenário. Porque se a luta pela vida se faz contra outras vidas, tal como os peixes se alimentam de outras criaturas para poderem sobreviver, também a energia criadora do homem necessita da presença da Besta para insuflar em si próprio o sopro da vida, sempre em profunda crise e em guerra aberta com o seu semelhante.

Luís Athouguia escolhe titubeante esta tela como sendo a sua favorita no conjunto imenso da sua obra. E fá-lo, de maneira hesitante, tal como uma mãe não consegue verbalizar a preferência por um dos seus filhos, sabendo que com isso promove injustiças que são impossíveis de sanar. A temática da justiça perpassa em todos os cenários em que existe presença humana e, tal como se intui na desconstrução dos detalhes que dão forma a este ensaio, certo é que é sempre negro o fundo, havendo um apelo ao sofrimento e à justiça como forma de fazer evidenciar uma outra realidade mais colorida e prenhe de significância. Sempre em contraste com uma pequenina alusão ao bucólico céu azul que por ali se perde num recanto insípido e pouco determinante para definir a natureza do próprio ensaio.

Se seguirmos nesta lista de escolhas, este pressuposto primário é bem visível na definição das três primeiras referências do artista criador em relação à sua criação. Isto apesar de se notar uma progressiva abertura à natureza e às forças que dela emanam sempre que pretende reforçar o carácter vivo de um dos seus quadros. No segundo favorito de Athouguia, também desprovido de um título que nos ajudaria a confrontá-lo com esta realidade, ressurgem as personagens míticas que se confundem com meias – tal e qual como o Rei que mais tarde há-de surgir neste enlevo cerrado que Athouguia dedica ao absurdo que enche os seus quadros, mais uma vez fazendo tinir as campainhas da repetição das peças que mais se confundem com o seu retrato. Reforça assim a convicção de que o futuro se marca pela ressurreição destes personagens, que ganham nova vida e no ímpeto num cenário de apocalipse sempre pré-anunciado que Luís Athouguia faz implodir a partir da desconstrução dos seus quadros.

A linearidade negra dos seus fundos, na consagração da devoção maior da humanidade a esta sua origem aproxima a obra de Luís Athouguia dos arquétipos ancestrais da humanidade. Ao contrário do que ele intui, o movimento é de aproximação e de integração, quase como se existisse uma força física a promover esse movimento centrípeto em direcção ao mais profundo e obscuro coração da Terra. Porque o pintor sabe que só partindo da mais absoluta escuridão podemos aspirar a ver a Luz. E essa por menor que seja, multiplica a sua influência à medida

em que vamos escurecendo os fundos em que nos movemos. Até os cavaleiros, que montam seres imaginários que fazem lembrar os lobos dos contos de fadas, concretizam os seus desconhecidos desideratos em fundos que apelam à progressiva iluminação, fugindo da escuridão que caracteriza a humanidade nesta sua aproximação natural aos apelos lúbricos da Besta que corporiza a natureza no seu mais profundo ímpeto. Perdemo-nos ali, até porque este caminho que trilhamos em torno deste mapa ancestral que Athouguia nos lega é sempre enganador, misturado que está com as experiências pessoais de cada um e num distanciamento atroz em relação ao apelo absoluto que o pintor sempre faz ao imenso nada que lhe garanta a liberdade que sempre procura...

Luís Athouguia sorri desdenhosamente ao ouvir estes cicerones de um destino que é sem seu o ser. Porque sabe, qual criador absoluto de universos que ninguém pode compreender, que só ele possui a chave que pode abrir os cofres de um destino que o atormenta desde antes de nascer. Por isso, qualquer caminho interpretativo esbarra com a imensidão terrível das possibilidades em aberto, sabendo todos aqueles que ousam afrontar esse infinito, que é inabordável e se perde à medida em que o vamos reencontrando nos pequenos detalhes que nos parecem definir um conceito que nos serve.



Sabemos que o futuro, como aliás o presente e o passado, se compõe a partir da sensualidade enquanto apelo ancestral à natureza animal que dá forma à criação humana. Lá a temos igualmente sempre presente na obra de Athouguia e, provavelmente, com reforço lúbrico nas novas plataformas expressivas que o futuro nos vai trazer. Porque a completar o Top3 das obras preferidas do pintor, está bem expresso o contraste de cores que resulta de uma espécie de neve que se espalha sobre o fundo negro, provocando arrepios de frio e agravando a inusitada presença do corpo humano. Mas ele surge aqui, como no primeiro revemos o Rei das Meias, reforçando esse carácter ímpio do Ser Humano, sabendo nós que a formulação maior de um cenário esplendoroso se faz através de um apelo básico aos sentidos humanos. O que seríamos nós sem esse apelo, sem a capacidade de cedermos sempre às tentações que para algumas religiões servem de bitola à definição do pecado que é próprio da condição humana? Uma absurda e indefinível amálgama de carne sem alma nem sentimentos, sempre observada e controlada por aquele olhar que transversalmente surge na obra de Athouguia marcando uma possível orientação divina da humanidade ou, quem sabe, o renegar absoluto da mesma para permitir a afirmação desse fundo negro que emblematicamente enforma a nossa existência.

Os caminhos trilhados na obra de Athouguia são sempre assim, fluídos por entre os entrefolhos da existência. São precisamente os espaços vazios, aqueles que o destino impõe como vias não escolhidas pelo comum-mortal, que o artista assume serem o seu caminho. Contra-corrente e, por vezes, mesmo contra-sistema, num apelo permanente aos desafios que redobram a sua força para singrar. Talvez por isso, nos recantos místicos daqueles que comentam arte, sejam muito poucos os que ousam definir com clareza e com pragmatismo as principais características deste excepcional artista de Cascais.

Não é possível descrever assim nem o Luís Athouguia nem a sua obra. Porque nenhum deles se encaixa em estereótipos que lhes permitiriam ser compreendidos por todos. Talvez nem o próprio seja cabalmente capaz de o fazer, sentido que ousando avançar por aí restringe a sua liberdade.

O grande Cruzeiro Seixas, assinando a pedido do artista o prefácio de uma das suas exposições, enumera exactamente assim a obra que está a subscrever, inebriando-se com o vazio de um vasto conjunto de palavras que sabe ficarem aquém do que quer dizer e, também, serem pífias perante a enormidade de emoções que transbordam em cada tela da autoria do Luís Athouguia. Mas mesmo assim, do alto da sua sapiência artística e da imensa experiência em lidar com a diferença (afinal foi ele o primeiro a descortinar a genialidade de um Raul Perez, de uma Paula Rego, de um Mário Botas ou de um Manuel Amado), hesita permanentemente na escolha dos adjectivos, ficando a sempre a pairar no ar a grande dúvida sobre se estará ou não a aproximar-se da realidade mística que a obra de Athouguia parece carregar: “O Luís Athouguia quis mostrar-me a sua pintura; trata-se de pedaços de sonho, jardins para os nossos olhos passearem, lembranças obscuras, iluminações intermitentes, palavras tresmalhadas, janelas da sua alma, a sua natural respiração. É evidente que esta minha linguagem não é a que se adequa à circunstância de um prefácio. E de resto quem, sem algum risco, pode entre milhões de pretendentes eleger hoje um único? Por isso se diz de uma qualquer pintura aquilo que se podia dizer de uma qualquer outra. Quanto a mim, é nada sabendo, que tento apresentar este pintor à vossa sensibilidade”.

E segue Cruzeiro Seixas na demanda dessa virtualidade, sublinhando mais à frente que parece que sabe descrever a obra de Athouguia... mas é evidente que não sabe, como ele próprio o assume de forma reiterada, como possivelmente nem o próprio artista o saberá fazer: “A pintura do Luís é encontro e desencontro, é uma certa dose de soli-





dão, é um eco, uma ténue ponte, a luz da madrugada, o discreto marulhar da água na secura da paisagem, a fronteira entre o ontem e o hoje, um projecto de viagem".

Será lícita contornar essa espécie de proibição ancestral de desvendar um segredo que o pintor de Cascais teima em esconder de si próprio mesmo quando está a pintar? Não sabemos. Mas estamos convencidos que a panóplia de emoções que a sua obra provoca e que estão documentadas em artigos de opinião, textos críticos ou meras conversas havidas durante as cerimónias de inauguração das principais mostras onde estiveram expostos os seus quadros, é suficiente para legalizar estes novos caminhos que encetamos com hesitações sobre cada uma das suas pinceladas. Até porque a cada avanço que fazemos, analisando a reacção do artista, obtemos novos comprovativos de que estamos errados... e de que os lapsos, as omissões e as inverdades que avidamente sugamos do deleite que resulta do olhar sobre a sua obra, mais não são do que possibilidades tanto ou mais válidas do que as muitas outras – por vezes até contraditórias – que outros ousaram alcançar. A todos, com a atenção e o cuidado generoso que o caracteriza, Athouguia brinda com a sua dúvida sistemática, compreendendo que dessa forma não fecha portas e escancara completamente os portões imensos que dão forma ao alcance que ele pretende concretizar.

Muito interessante na análise da sua preferência em relação à sua própria criação é o destaque que dá a um tríptico que intitulou "Mapa Mediúnico". Uma tela subdividida em três partes, com uma abordagem escatológica às propostas de criação da divindade. O fio condutor, que qual cordão umbilical se enrola nas várias partes desta imensa realidade, atravessa a tela com o despudor de quem sabe ser determinante para o alcance da própria aura de vida sem a qual se tornaria impossível haver mediunidade. Mas fica por aqui a explicação, pois a conotação espiritual do título do quadro, incentivando e motivando o interessado para nele literalmente mergulhar, esgota-se rapidamente nesse buraco negro de nostalgia que a composição parece ter sido preparada para nos toldar. E quase brincando connosco, de permeio pelas figuras que se repetem dando força à ideia de animação gráfica que as experiências mais recentes parecem vir confirmar, um ponto-de-interrogação vem carregar o horizonte de quem procura ali encontrar as respostas mais cabais para que se perceba o sentido profundo desta expressão de arte. Não se pode, uma vez mais. Até porque é de liberdade que este mapará mediúnico trata, numa marcante amálgama de pedaços de tudo que se agrupam em torno da mensagem. Ali estão certamente, sub-repticiamente escondidas naquelas caixas que sobrevoam o espaço sempre enevoado, as respostas que procuramos e que foram essenciais na definição da inspiração que incorporou no artista enquanto produzia aquela obra de arte. Mas o impossível é identificá-las e, acima de tudo, interpretá-las...

